

“CEMITÉRIO É PRAÇA LINDA, MAS NINGUÉM QUER PASSEAR”: RITUALIDADES DE MATRIZES AFRICANAS PRATICADAS NO CEMITÉRIO SANTA IZABEL (PA) NO DIA DE FINADOS

“A cemetery is a beautiful square, but no one wants to walk around”: rituals of African origin practiced at Santa Izabel Cemetery (PA) on All Souls’ Day

LUIZ FERNANDO DE ASSUNÇÃO CORRÊA¹
ORCID: 0009-0008-7319-0032

ELISA GONÇALVES RODRIGUES²
ORCID: 0000-0001-7309-0404

Esta pesquisa parte de uma etnografia urbano-cemiterial (Rodrigues, 2023), compreendendo a vida urbana belenense atravessada pelo Cemitério Santa Izabel, propondo-se a aglutinar vivências e apreensões para além do enlutamento e oportunizando, portanto, outras lógicas e práticas sociais na necrópole, tais como agradecimentos, oferecimentos e conexões religiosas com entidades e outras alteridades. As perspectivas aqui apresentadas dizem respeito às simbologias vigentes nas oferendas deixadas em cemitérios, cujo lugar é sagrado e agenciado por distintos grupos de religiões de matrizes africanas, tendo como principal ponto ritualístico o Cruzeiro das Almas. Essas oferendas têm o intuito de agradar os mortos, as almas e os orixás regentes que transitam e habitam esses espaços e suas liminaridades (Evans-Pritchard, 2015; Turner, 1974). Com isso, a fim de compreender tais ações, investigamos as relações simbólicas, sagradas e sociais do uso das necrópoles através das comidas, alimentos e oferendas concedidas a essas entidades que “comem” e/ou “tomam” certas bebidas, comungando uma comensalidade espiritual. Notamos, então, que é a partir do que é oferecido em meio a estes conjuntos de significados – individuais ou coletivos – que se desvela uma extensão dos terreiros fortemente atuante na cidade cemiterial, neste caso, no Cemitério Santa Izabel, em Belém/PA.

Intuindo observar tais dinâmicas e relações, optamos por etnografar a intensa prática e congregação dos ritos de matrizes africanas que acontecem no Dia de Finados, 2 de novembro, feriado nacional no qual uma quantidade elevada de pessoas costuma visitar as necrópoles, imputando a este momento diversas afetividades e sensibilidades individuais e/ou religiosas sobre a finitude, a vida post mortem e outros ritos de passagem (Van Gennep, 1978). No Dia de Finados, a presença da morte se entrelaça à vida em rituais que fortalecem vínculos com Orixás, como Obaluaê e Iansã, e com guias espirituais ou ancestrais, como Pombagiras, Exús, Pretos-velhos e Eguns. Cada tradição, Umbanda ou Candomblé, organiza essas presenças de modo singular, evidenciando cosmologias específicas e diferentes formas de interação com a vida, a morte e o espaço cemiterial (Prandi, 2000; Santos, 2012; Rodrigues, 2025).

Diante das variadas representações do extraordinário e das alteridades outras-que-humanas (Correia; Vander Velden; Rocha, 2023) dentro do cemitério, destacamos que as religiões afro-brasileiras são classificadas em nações – Umbanda, Candomblé, Tambor de Mina, Quimbanda, Jurema, etc. – e, por isso, suas convenções e conexões com entidades relacionadas à morte ou aos espaços cemiteriais são singularizadas, inviabilizando generalizações e possibilitando reflexões amplas sobre a disposição das oferendas, alimentos e bebidas nesses lugares. Assim, os registros aqui apresentados são referentes ao Dia de Finados, 2 de novembro de

¹ Graduando em Ciências Sociais e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM). E-mail: luiz.correa@ifch.ufpa.br.

² Doutoranda e Mestra em Sociologia e Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM). Pesquisadora e membro da diretoria (2025-2029) da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). Integrante do Núcleo de Antropologia Urbana – Nau Cemiterial (LabNau-USP). E-mail: elisagoncalves00@gmail.com.

2024, e fazem parte das pesquisas desenvolvidas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM), coordenado pela segunda autora. As dez imagens foram capturadas pelo aparelho Iphone XR e buscaram apresentar, através de uma etnografia cemiterial urbana, as dimensões simbólicas e sensíveis dos rituais de matrizes africanas presentes no Cemitério Santa Izabel em Belém do Pará, retratando o imbricamento dessas práticas rituais (Turner, 1984) e os diversos usos dos espaços cemiteriais.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; VANDER VELDEN, Felipe; ROCHA, Hélio Rodrigues (ORG.). *Humanos e Outros que humanos nas narrativas Amazônicas: perspectivas literárias e antropológicas sobre saberes ecológicos, tradicionais, estéticos e críticos*. 1. ed. São Carlos, SP: Editora de Castro, 2023.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. Negritudes e processos-rituais de morte: outras ancestralidades e manejos culturais. *Revista Nanduty*, [S. l.], v. 13, n. 21, p. 493–519, 2025. DOI: 10.30612/nty.v13i21.19421.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. *Espaços da morte na vida vivida e suas sociabilidades no Cemitério Santa Izabel em Belém-PA: Etnografia Urbana e das Emoções numa cidade cemiterial*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, 2023.

PRANDI, Reginaldo. *Conceitos de vida e morte no ritual do axexê*. OC Lody, Faraimará - o caçador traz alegria, p. 174-184, 2000.

SANTOS, Juana Elbein. *Os Nagô e a Morte: pãdê, àsèsè eo culto égun na Bahia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ANEXOS

Figura A.1 – Homenagens afro-religiosas aos pés do Cruzeiro das Almas: alguidar com comida e dendê, flores, velas e copos de água, em oferenda a Exú



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.2 – Copos de água e oferendas ao lado do Cruzeiro das Almas, destinados às almas e aos pretos-velhos



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.3 – Copos de água com rosas brancas explicitando a relação com as almas dos mortos



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.4 – Padê oferecido a uma pombagira, acompanhado de rosa vermelha despetalada e garrafa de champagne, simbolizando a entidade feminina



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.5 – Bombons e balas acompanhadas de velas já consumidas, associados aos erês e ao exú mirim



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.6 – Pratos descartáveis com pipoca, pães, água e rosas oferecidos a Obaluaê, às almas e aos pretos-velhos



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.7 – Mingau de arroz e água oferecidos às almas e aos pretos-velhos



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.8 – Pães e copos de água oferecidos às almas e aos pretos-velhos



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.9 – Pães com água, rosas e outras folhagens ofertados às almas ou aos pretos-velhos



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Figura A.10 – Pipoca oferecida ao orixá Obaluaê



Fonte: Os autores, Belém, 2024.

Data de submissão: 05/05/2025

Data de aceite: 21/11/2025